



Um “estádio primitivo de cultura”: a perspectiva orientalista de Adolfo Coelho sobre os ciganos de Portugal (1892)¹

por Catarina Nunes de Almeida

RESUMO: Neste trabalho tomaremos como ponto de partida o texto sobre *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o calão*, produzido por Francisco Adolfo Coelho no âmbito do X Congresso Internacional de Orientalistas, que deveria ter tido lugar em Lisboa, em 1892 (o evento viria a ser cancelado). Apuraremos em que medida o discurso de Adolfo Coelho em torno dos ciganos, em linha com outros estudos análogos produzidos em contexto académico no mesmo período, se encontra com alguns dos argumentos desenvolvidos por Edward W. Said no seu *Orientalismo* (1978), seja por via da natureza exótica (ou exotizada) dos ciganos, seja por via duma narrativa moral, histórica e cultural, tendencialmente selectiva, através da qual se enfatizam os factos que convêm aos argumentos do autor. À luz da tese de Said e de outras dela decorrentes, que incluem o exame de atitudes face às minorias ou mesmo à própria população de um país, será possível tomar o estudo de Adolfo Coelho, que incide principalmente sobre aspectos linguísticos e etnográficos, como exemplo duma construção do Ocidente, auto-investido de autoridade para intervir unilateralmente sobre a imagem e a identidade do Outro, neste caso, os ciganos de Portugal.

¹ O presente estudo insere-se no projecto Textos e Contextos do Orientalismo Português – Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973) (PTDC/CPC-CMP/0398/2014), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto 3599 – Promover a Produção Científica, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação – Não Cofinanciada.



PALAVRAS-CHAVE: Orientalismo português; Congressos Internacionais de Orientalistas; Representações dos ciganos; Racismo científico; Exotismo; Marginalização.

ABSTRACT: This paper departs from Francisco Adolfo Coelho's text on *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o calão* [The Gypsies of Portugal – with a study of jargon use], which was produced within the 10th International Congress of Orientalists. This event would have taken place in Lisbon in 1892 had it not been cancelled. Our purpose is to examine how Adolfo Coelho's discourse about the gypsies, which is in line with analogous studies produced in the academic context of the time, relates to some of the arguments developed by Edward W. Said in his *Orientalism* (1978). This happens either by expanding on the exotic (or exoticized) nature of the gypsies or via a moral, historical and cultural narrative that tends to be selective and through which the facts that more conveniently serve the author are emphasized. In light of Said's thesis and others that followed, including the analysis of attitudes towards minorities or even the inhabitants of a country, it will be possible to put forward Adolfo Coelho's study, which is mainly linguistic and ethnographic-oriented, as an example of a construction of the West. This West emerges with self-invested authority to unilaterally intervene in the image and identity of the Other, in this case the gypsies of Portugal.

KEYWORDS: Portuguese Orientalism; International Congresses of Orientalists; Representations of the Gypsy; Scientific racism; Exoticism; Marginalization

A partir de 1873 têm lugar, em diferentes cidades, os chamados Congressos Internacionais de Orientalistas, que visavam ampliar o diálogo entre especialistas europeus sobre temas ligados ao amplo espaço então entendido como o *Oriente*. Embora, pela mesma altura, estivessem em marcha os processos de especialização das diferentes áreas do saber, com vista ao estabelecimento e definição epistemológica de matérias, os chamados Estudos Orientais acabavam por cobrir um leque muito vasto de disciplinas e de tópicos. Entre eles, os estudos sobre os ciganos (*os Romani Studies*).

No discurso em torno dos ciganos, presente quer em textos de natureza literária (Nord 2006, Saul 2007 e Houghton-Walker 2014), quer em textos teóricos produzidos por filólogos e antropólogos entre os séculos XIX e XX, é possível identificar muitos dos marcadores propostos por Edward Said no seu *Orientalismo*, publicado em 1978, seja por via da natureza exótica (ou exotizada) dos ciganos, seja por via duma narrativa moral, histórica e cultural, tendencialmente selectiva, através da qual se enfatizam os factos que convêm aos argumentos de cada autor.

Segundo Marushiakova-Popova e Popov, o interesse da Europa ocidental pelo tema dos ciganos insere-se essencialmente num paradigma moldado pela Antropologia anglo-saxónica:



In Western Europe, and especially in the big colonial Empires (and notably Britain), the interest of historical museums has been primarily directed towards the 'others', towards uncivilized peoples of specific culture, who living outside metropolises, and to whom the 'Gypsies' are automatically assigned. Even though Roma are European people for at least a millennium, their romantic image in the public consciousness in West, enables them to fit into the paradigm of the Anglo-Saxon anthropology, and this scientific tradition proved to be extremely resistant and still maintains its dominance globally (Marushiakova-Popova e Popov 18).

A adoção deste paradigma muito contribuiu para que, quer na academia, quer na política, se popularizassem duas tipologias de discurso no que respeita aos ciganos – a do exotismo e a da marginalidade –, ambas apoiadas numa série de estereótipos e de generalizações, transversais à especificidade de cada espaço, levando a que características válidas apenas para certos grupos de ciganos fossem declaradas comuns ou terminantes para o todo. O que aconteceu foi que cada um destes discursos fundou um problema que se estende até aos nossos dias: a estigmatização dos ciganos como uma comunidade *muito especial* com uma posição social *muito especial* e uma cultura *muito especial* que não pode ser abordada (seja no campo da pesquisa académica ou na esfera política) da mesma maneira que outros povos europeus (Marushiakova-Popova e Popov 37).

Foqemos-nos, então, na fonte principal do nosso estudo. Entre os trabalhos produzidos para o X Congresso Internacional de Orientalistas, que deveria ter tido lugar no ano de 1892 em Lisboa – um evento fadado ao infortúnio, cancelado a poucos dias da data de abertura –, encontra-se o texto de Francisco Adolfo Coelho sobre *Os Ciganos em Portugal – com um estudo sobre o calão*, que aqui nos propomos analisar. Parte desta monografia foi publicada primeiramente no volume inaugural da *Revista Lusitana*, fundada por Leite de Vasconcelos, em 1887. Esse texto era já, na verdade, o desenvolvimento de um artigo inserido nas actas do *Congrès international d'anthropologie et archéologie préhistoriques*, ocorrido em 1880. Dessa informação fez-se em 1884 uma tiragem, em separata, de 50 exemplares.

O estudo dado à estampa em 1892 encontra-se dividido em três partes: 1. A língua dos ciganos de Portugal; 2. O calão ou gíria portuguesa e sua relação com a língua dos ciganos; 3. História e esboço etnográfico dos ciganos de Portugal com dois apêndices, um contendo documentos, outro sobre os ciganos do Brasil. O intuito do trabalho seria o de fornecer à ciência os dados que lhe faltavam para completar o conhecimento acerca dos ciganos de Portugal e de outros "grupos étnicos irmãos" já estudados. O tema encontrava-se ainda pouco explorado, com escassas referências na literatura, como refere Adolfo Coelho, quer no que respeita aos ciganos em geral, quer à língua por eles falada.

Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) foi, essencialmente, um autodidata. Esse facto não impediu que se tornasse numa das figuras mais destacadas da elite intelectual portuguesa do último quartel do século XIX. Em 1878, com 31 anos de idade, mesmo sem nunca concluir os estudos superiores, foi nomeado para o corpo docente do Curso Superior de Letras, ao qual esteve ligado durante 34 anos. Em 1911, o Curso Superior de Letras passou para a Faculdade de Letras de Lisboa e Adolfo Coelho é integrado no quadro docente na qualidade de professor catedrático. Em 1887, recebeu ainda o título de doutor *honoris causa* (consagração como filólogo, investigador e professor) pela Universidade de Göttingen, na Alemanha.



O seu envolvimento nos Congressos Internacionais de Orientalistas, logo a partir dos primeiros encontros, confere-lhe também significativo destaque. É convidado a participar no IV Congresso na cidade de Florença, em 1878, pelo próprio secretário do congresso, Angelo de Gubernatis, professor de Sânscrito, mas recusa o convite de preencher o cargo de Delegado do Congresso. Mais tarde, Adolfo Coelho terá lançado três publicações, nomeadamente *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o calão*, *As linguas mixtas* e *A transmissão das tradições populares*, em memória do X Congresso Internacional de Orientalistas que, conforme assinalámos, se iria realizar em Lisboa, no ano de 1892, e no qual teria desempenhado o cargo de secretário do comité executivo.

Como nota Perez (13), terá sido provavelmente como linguista que Adolfo Coelho foi atraído para o estudo dos ciganos. O trabalho sobre *Os ciganos de Portugal* ia ao encontro dos interesses de pesquisa do autor no que respeita às línguas mistas (de que os dialectos ciganos seriam exemplo), mas também, segundo o próprio afirma, cobria o seu interesse por questões de etnologia geral, como a persistência dos caracteres étnicos, as migrações ou as formas primitivas das relações internacionais.

Na primeira parte do estudo, relativa à língua dos ciganos, o autor apresenta não só um extenso vocabulário (precedido de referências bibliográficas que favorecem o estudo comparativo entre o *tsigano* e o gitano de Espanha e o estudo dos dialectos ciganos em geral), mas também uma descrição gramatical pormenorizada dos 484 termos ou formas do *rumanho* (variante portuguesa do *tsigano*) que o compõem. O vocabulário é elaborado seguindo o modelo dos dicionários modernos. A inclusão da segunda parte, acerca do calão e da gíria portuguesa, encontra-se justificada pelo facto de se confundir muitas vezes a linguagem dos *tsiganos* em geral com essas duas formas de linguagem. Esta secção do trabalho também se encontra dividida em várias partes, que incidem fundamentalmente sobre a história do calão e os processos da sua formação. Na terceira parte, o autor procuraria descrever em pormenor a origem, os hábitos e costumes, o temperamento psicológico e o tipo físico dos ciganos, deixando em apêndice as anotações das medidas de alguns dos que terá tido oportunidade de examinar.

Todo o estudo se apoia em materiais recolhidos directamente no Alentejo e em investigações em torno de problemas gerais relativos aos ciganos, propostas, à época, por investigadores de outros países, permitindo assim comparar os dados referentes aos ciganos portugueses com os grupos parentes de outros países. Na pesquisa e recolha directa de materiais, Adolfo Coelho diz ter contado com o apoio de um folclorista de Elvas, A. Thomaz Pires, que se dedicou ao estudo da língua e etnografia dos ciganos do Alentejo. Um primeiro esboço do vocabulário, conforme referimos, fora publicado por Adolfo Coelho em 1887, na *Revista Lusitana*, contendo já 250 termos. Depois disso, o mesmo folclorista de Elvas envia ao autor novas frases e nova colecção de termos, “colhido tudo da boca de um cigano” (Coelho 2). Os dados do esboço etnográfico dos ciganos, na terceira parte, também se devem ao levantamento de Thomaz Pires, nomeadamente à documentação descoberta no Arquivo da Câmara Municipal de Elvas.

Através de José Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho recebe ainda o resultado de um estudo, elaborado pelo próprio colega, em torno da língua de um grupo de ciganos com os quais teria tido contacto no Cadaval, no mesmo ano de 1887, o que acrescentaria mais alguma informação ao seu trabalho. A investigação de Leite de



Vasconcelos, segundo o autor, confirmaria a maior parte dos dados constantes no artigo preliminar da *Revista Lusitana*, uma vez que “ao cigano por elle explorado” (Coelho 3) só eram desconhecidas poucas dezenas de termos presentes naquele vocabulário. A natureza das duas fontes em que se apoia, prova, nas palavras do autor, “a perfeita autenticidade dos textos e do vocabulário” (3). De contrário, Adolfo Coelho escusa-se desde logo de qualquer responsabilidade: “Se nalguns raríssimos casos houve burla, essa partiu dos ciganos” (3).

Esta atitude é um dos aspectos que reclama desde logo a nossa atenção, sobretudo se olhamos para os textos à luz dum entendimento conceptual do Orientalismo, conforme o que propõem Marushiakova-Popova e Popov:

In several instances, anthropologists [...] describe such details of the lives of their informants that may discredit them in one way or another, or touch the intimate areas of their personal space. Obviously, these anthropologists are convinced that none of their informants is literate enough to read what they wrote about them in a foreign language, and that nobody will recognize who is hidden under a pseudonym. This attitude towards Roma informants is perhaps the most blatant example of Orientalism (29).

O facto de a caracterização dos ciganos ser muitas vezes feita por via indirecta (sobretudo na vertente antropológica e etnográfica do estudo) é justificado também por Adolfo Coelho pelas dificuldades por eles colocadas à observação. Rosa Maria Perez, porém, defende que a perspectiva etnocêntrica de Adolfo Coelho só pode ser interpretada tendo em conta, em termos históricos, todas as faces do problema quando estão em causa os Rom:

Esta escassez tem sido justificada com recurso ao tema da impenetrabilidade desta cultura, quero dizer, tomando os analistas como causa aquilo que deve ser antes entendido como consequência: não foram neste sempre os Rom um dos objectos mais privilegiados de uma tendência fortemente discriminatória e segregacionista por parte do Ocidente? Constatarmos, pois, o inequívoco olhar etnocêntrico com que Adolfo Coelho observa esta cultura, é tão redutor como tautológico. Ele tem de ser inscrito num plano muito mais global e muito mais contemporâneo, ao reflectir as dificuldades de observação manifestadas pelas Ciências Sociais relativamente a grupos depreciados (Perez 19).

Para os que se propunham estudar os dialectos ciganos, acrescia ainda a estas dificuldades uma outra questão fundamental ligada à abordagem metodológica: o facto de a maior parte das fontes serem provenientes da oralidade e a ortografia, para estes casos, não se encontrar ainda normalizada. Uma parte importante do projecto dos chamados *Gypsylogists* – termo a que voltaremos mais adiante – era preservar o dialecto dos Rom, ou seja, teorizar a partir duma forma não escrita de linguagem. Este *projecto de preservação* era uma maneira de impedir a degeneração da própria língua e a aproximação ao seu estado original de pureza. Para isso era necessário capturar, antes de tudo, a matéria-prima do estudo, sob a forma de vocabulários, lendas ou canções do folclore cigano, o que, na era que antecede a gravação áudio, e conhecidas as dificuldades de imersão na maioria dos grupos, constituía um trabalho tanto de persistência como de sorte. Uma vez ultrapassadas estas primeiras dificuldades, o trabalho passava por fazer algumas escolhas no sentido de standardizar a ortografia e criar um sistema de escrita, com recurso à transliteração, que reflectisse a forma de falar.



As práticas comumente seguidas pelos *Gypsylists*, de acordo com o que Ken Lee desenvolve no seu artigo, constituem – essas sim – exemplos muito claros duma abordagem orientalista:

Having done this [capturing spoken romani and accurately transliterating it], they could then interchange these capture items between themselves, thereby achieving a form of domination as standardised *writers of Romani* over the diffuse and fragmented *Romani speakers of Romani*. This, in turn, allowed the *Gypsylists* to claim for themselves the privileged position of being able to grasp the oral communications of the Romani people *in ways that Romanies themselves could not grasp* (Lee 143).

Não nos esqueçamos que, para Said, o orientalista é justamente aquele que “examina o Oriente a partir de um ponto elevado”, incidindo sobre “cada pormenor com a ajuda de um conjunto de categorias redutoras (os semitas, a mente muçulmana, o Oriente, e assim por diante)” (280-281), podendo incluir-se nessas categorias os ciganos, enquanto materialização implícita do Outro oriental. Ora, “[u]ma vez que se presume mais ou menos que nenhum oriental se pode conhecer a si próprio como pode um orientalista, qualquer perspectiva do Oriente, em última instância, passa a depender, para sua própria coerência e força, da pessoa, instituição ou discurso a que pertence” (280-281). De facto, podemos encontrar alguns ecos favoráveis a estes argumentos na exposição que Adolfo Coelho nos oferece.

No texto, a questão da origem dos ciganos, por exemplo, resume-se a algumas informações genéricas, sem recurso a fontes de natureza científica, socorrendo-se o autor apenas de trechos literários, de autores espanhóis e portugueses, para ilustrar as teses popularmente propostas – a de que os ciganos de Espanha e Portugal seriam originários da Grécia, sendo que ambos os grupos teriam as suas raízes mais ancestrais no Egito: “Diversas noticias mostram-nos que os tsiganos e em especial os gitanos e os ciganos, isto é, os tsiganos de Hispanha e Portugal, foram considerados originários da Grecia” (Coelho 164). E mais adiante: “Os tsiganos em geral diziam-se vindos do Egypto e d’ahi os nomes de gitano, que têm na Hispanha, de Gipsies, que lhes dão os inglezes [...] mas é possível que alguns bandos se dissessem de origem grega” (165). Adolfo Coelho mostra-se bastante conformado com a imagem de um berço egípcio,² não chegando nunca a pô-la em questão. A persistência desta tese um pouco por toda a Europa contribuiu satisfatoriamente para um retrato menos favorável dos ciganos, que, ao terem assim as suas raízes fora dessa mesma Europa, mais espontaneamente confirmavam o tríplice estereótipo da criminalidade, da marginalidade, da pobreza, ao mesmo tempo que alimentavam a imagem romantizada de aventureiros errantes.

No texto do orientalista português, as primeiras afirmações que remetem para um discurso racial ou, pelo menos, para uma marginalização evidente dos ciganos, surgem

²De acordo com as reflexões de alguns especialistas, como é o caso de Sabiescu, a origem egípcia dos ciganos não terá persistido de forma totalmente isenta. Na verdade, era essa tese que mais eficazmente perpetuava uma série de rótulos: “The term ‘Gypsy’ is often preferred in these scholarly writings to the one of ‘Romani’ precisely because it carries with it an outsider’s labeling: the ‘Gypsy’ tag, with the history of its wrong assumption that Roma come from Egypt and imbued with negative stereotyping, is a reflection of how the identity of these nomadic people has been forged in constant interaction with and by outsiders” (Sabiescu 5).



com o estudo da língua, quando o autor procura relacionar o calão e a língua dos ciganos. De acordo com Adolfo Coelho, por *calão* entende-se o seguinte:

São os termos com que em português se designa o vocabulário especial dos criminosos de profissão, fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de hábitos duvidosos, que por aquelle meio buscam não ser entendidos da sociedade geral. Por extensão dão-se ainda aquelles mesmos nomes á terminologia especial de uma classe, de uma profissão licita, e sobretudo ao conjuncto de termos particulares, muitas vezes de carácter cómico, que usam certos grupos sociais, como os estudantes, os actores, os pintores, os pedreiros, os typographos, os soldados (55).

Ao procurar a forma como outras línguas europeias definem estes mesmos fenómenos linguísticos – o *calão* ao lado da *gira*, *gíria* ou *geringonça* – diz parecer-lhe não ter o termo *calão* correspondente fora da língua portuguesa e a sua etimologia apontar para o facto de querer dizer “cigano, língua de cigano; é um termo com que os ciganos do nosso país ainda hoje se designam” (57). O *calão*, a par desses outros fenómenos que manifestam “o princípio do menor esforço” (147), seria então o produto “das relações dos ciganos com outros vagabundos, pedintes, ladrões” e daí resulta “a introdução no *calão* de um certo número de termos de origem tsigana e especialmente cigana ou gitana” (152).

Reconhecendo na língua um veículo de poder, um instrumento de afirmação da soberania política, reconhecemos que a sua valorização ou marginalização possam ser dirigidas por interesses preliminares, mesmo que inconscientes. Dominar o conhecimento sobre as línguas minoritárias, confinar o seu uso a um número limitado de falantes, são formas de subalternizar e condicionar não apenas as línguas em si, mas os povos e as culturas que as sustentam. Não restam dúvidas de que, no Ocidente, mesmo depois de abolidas no papel as grandes tiranias, uma das formas mais eficazes de submeter, de escravizar o Outro, tem sido impor-lhe hostilmente uma pertença e privá-lo de um dos selos da sua identidade – a sua língua. Sendo ela um dos pilares de qualquer sociedade, subjugar uma língua continua a ser um dos modos de cortar os ‘males’ pela raiz.

O texto produzido por Adolfo Coelho, ao lado dos de outros orientalistas da sua época, revela-nos não só como a classe dominante tendia a apropriar-se do saber culto, mas também como os conhecimentos sobre a linguagem eram já usados, com frequência, com vista a exercer controlo político e social. Simultaneamente, este texto alia-se a uma série de esforços, empreendidos em Portugal nos finais de Oitocentos, no sentido de fixar a norma padrão da língua. Tais esforços, numa época de medição de forças no que respeita aos interesses coloniais, concorrem para uma tentativa comum de afirmação da identidade. A língua dos ciganos de Portugal, aqui interpretada como uma forma de linguagem que se confunde com o *calão*, é fundamentalmente recebida como um falar que pertence à língua portuguesa, mas que *não é* a língua portuguesa.³

³ Com o mesmo intuito, vários autores desta geração tentariam promover o afastamento e o descrédito relativamente a outras variedades, nomeadamente a variedade brasileira mostrando, por exemplo, que as suas variantes fonéticas têm origem em hábitos de pronúncia indígena. É o caso de um texto de Gonçalves Viana, sobre Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros, também ele destinado ao X Congresso de Lisboa: “Ora, os fallares brasileiros, ao contrario do que poderia suppor-se e já se tem dito, não representam, em grande maioria dos casos, na sua



Ora, como Perez também infere, há uma “espécie de relutância em conceber a língua dos ciganos como parente de línguas ‘nobres’” e, a partir daqui, começa a tornar-se clara a “percepção que da sua cultura o autor manifesta” (16).

Ao seguir o protocolar interesse Oitocentista pela origem das línguas, Adolfo Coelho procura, pois, apontar também as origens do dialecto dos ciganos de Portugal – e para isso apoia-se em estudos análogos, de Pott, Ascoli e Miklosich, pioneiros nestas matérias –, mas a pesquisa, neste domínio, não entende produzir dados novos. Justifica esta opção pelo facto de os ciganos de Portugal serem um simples ramo dos “gitanos de Hispanha” (Coelho 4-5), já profusamente estudado por especialistas, e o *rumanho* ser apenas um “hispanhol influenciado pelo português e semeado de palavras particulares” (44). Partindo desse pressuposto, isenta-se logo à partida de traçar a longa genealogia do dialecto, o que o levaria a palmilhar os mesmos caminhos que outros antes de si.

Importa perceber, contudo, que entre as línguas ‘nobres’ às quais seria apontado um parentesco remoto se encontra o sânscrito:

Noutros paizes da Europa os tsiganos fallam verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindus, saídos da mesma base popular de que o sanscrito se elevou á categoria de lingua litteraria. Esses dialectos tsiganos apresentam algumas peculiaridades phoneticas archaicas que os approximam especialmente de linguas ainda pouco conhecidas do noroeste da India, do Kafiristão e do Dardistão (Coelho 44).

Não nos podemos esquecer que a descoberta do sânscrito e o crescente interesse pelo seu estudo constituem, como explica Carlos João Correia, aspectos fundamentais do Orientalismo enquanto fenómeno:

Se a perfeição gramatical do sânscrito parecia evidente, acrescida de uma riqueza lexical incomensurável, poderia conceber-se a ideia de aquela língua venerada constituir a memória da palavra original da humanidade. [...] A descoberta de uma proximidade surpreendente entre grande número de vocábulos sânscritos e europeus parecia desenhar com clareza a hipótese de uma origem comum entre os povos ocidentais e indianos (incluindo nestes últimos os persas), a que se chamará “indo-europeus” [...]. Aliás, uma das razões que explica o interesse e o desenvolvimento dos estudos orientalistas nas universidades europeias e americanas deve-se sobretudo às similitudes decifradas entre diferentes morfemas das línguas europeias e o sânscrito (Correia 39-40).

O fascínio pela Índia seria, pois, fortemente motivado pela descoberta dessa língua, que levaria ao encontro de uma raiz linguística e cultural comum, a matriz indo-europeia, há muito perdida no tempo. O desejo de analisar e decifrar os códigos culturais das antigas civilizações resultaria num grau de especialização cada vez mais apurado por parte dos orientalistas, traduzindo-se rapidamente no desenvolvimento de matérias como a Filologia, a Epigrafia, a Paleografia ou a Etimologia. Pela primeira vez,

pronuncia, um português arcaico do continente, que ahi persista em estado de boa conservação [...]. [O] alongamento das vogaes pretónicas, que, destacando-as como na medição do verso, transmite à elocução aquelle carácter preguiçoso e lento de dicção arrastada, que é sem dúvida grato aos ouvidos, mas que contrasta singularmente com a energia do falar português [...]” (Viana 94-95).



a ênfase passaria a ser colocada no estudo da história das palavras, nas suas origens, no modo como forma e sentido se transformam ao longo do tempo.

Ora, apesar de Adolfo Coelho reconhecer no *rumanho* um parentesco remoto com o sânscrito, a variante portuguesa fica desde logo excluída de pertencer a qualquer das categorias que lhe confeririam algum estatuto ou prestígio: não chega a ser um “verdadeiro dialecto” e, embora proceda do mesmo ramo que outros dialectos neo-hindus, o *tsigano* – a que directamente está ligada – nunca se elevou a língua literária (ao contrário do sânscrito).

Não obstante podermos estar perante uma subalternização tendenciosa da língua dos ciganos, é na parte respeitante ao esboço histórico e etnográfico que as bases do discurso racial mais frequentemente sobrevém. Se, por um lado, se legitimam as origens da língua e se descreve a sua história, procurando apoio em metodologias e em estudos análogos de reconhecidos académicos estrangeiros, por outro, o autor não escapa à tentação de se apoiar numa série de generalizações que, por diversas vezes, resolvem a diferença colocando o cigano num estágio de evolução dito *primitivo*: “Onde se revela por completo o estadio primitivo de cultura do cigano é na diferença profunda dos seus sentimentos e modo de acção, de um lado para com os da sua raça, os *calés*, de outro para com os estranhos, os *jambos* ou *païos (paillos)*” (Coelho 191). O mesmo tipo de generalização está presente em afirmações como: “Diversos factos provam que o cigano é susceptível do sentimento de gratidão para com o estranho que o protege [...]”; ou ainda: “Parecem ser muito limitadas as aptidões estheticas dos ciganos” (194-195).

À semelhança de outros textos produzidos por orientalistas portugueses durante o mesmo período, ainda que subordinados a outras temáticas, o estudo vai procurar na literatura portuguesa mais antiga exemplos que validem os argumentos do autor (forma de exaltar, ao mesmo tempo, a literatura nacional). Nesse sentido, Adolfo Coelho esforça-se por resgatar as primeiras referências aos ciganos em textos de Affonso Valente, Francisco Manuel de Mello ou Gil Vicente. Os exemplos deste último serão retirados da *Farça dos Ciganos*, onde apareciam já representados uma série de estereótipos associados àquele povo – pedir esmola, ler a sina, ensinar feitiços, cantar e dançar ociosamente, falar um espanhol modificado na pronúncia. Os estereótipos são, por sua vez, reforçados pelo próprio Adolfo Coelho: “Entram quatro ciganas [...] que manifestam logo o character importunamente pedinchão das mulheres e creanças da sua raça” (167).

Mais adiante, não deixa de apontar algumas fontes que atestam que a acção dos ciganos terá sido por vezes digna de mérito, nomeadamente pela forma exemplar como alguns terão servido o exército, considerando que: “Esse facto basta para resgatar a raça cigana do opprobio de mais de quatro seculos e para nos fazer pensar em chamar os seus actuaes descendentes, por uma politica mais racional e humana que a dos nossos antepassados, ao convivio da civilização” (180). Mas o discurso rapidamente se transforma:

Os tempos novos trouxeram uma grande tolerancia sem duvida; mas essa não basta. O cigano *outlaw* subsiste ainda; subsiste ainda o seu modo de encarar o estranho como uma presa. É preciso que elle vença o espaço que o separa da sua concepção primitiva das relações das gentes para desaparecer com a individualidade ethnica em o nosso meio. A boa politica não pode deixar existir, a título de curiosidade ethnologica para o estudo dos especialistas, um punhado de individuos que não se subordinam á organização social do país em que vivem,



obedecendo a hábitos tradicionais, mas que de nenhum modo são absolutamente refractários ao progresso e têm dotes naturais que os podem tornar proveitosos (Coelho 180-181).

A suposta 'primitividade' continua a funcionar como âncora do discurso. Bem ao gosto dos estudos etnográficos e antropológicos da época – em que o Outro se transforma em amostra, em objecto de ciência –, este estudo fornece uma descrição elaborada dos ciganos apoiando-se não só nos "caracteres psychicos", mas também em elementos de natureza antropomórfica, com referências ao tipo físico e anotação dos dados biométricos de alguns dos que foram examinados pelo autor (a saber: altura total (estatura), índice cefalométrico, índice nasal, dimensões do rosto, distância dos olhos e abertura palpebral). O facto de muitos não colaborarem com a pesquisa é também aqui digno de nota, visto que tal inconveniência custava à ciência afastar-se de numerosas amostras: "O estudo anthropologico e ethnografico dos ciganos offerece grandes dificuldades, em consequencia do character desconfiado e supersticioso d'essa gente. Pires affirma-me que elles não se deixariam medir e foi por via indirecta que elle obteve um pouco de cabelo de um" (181).

As marcas dum certo exotismo podem também aqui ser lidas, por exemplo, no modo como o estudo procura conhecer a beleza física das mulheres, um dos tópicos que têm sido com frequência explorados pela crítica (ver Hancock 2008). No entanto, as conclusões, além de genéricas e desprovidas de rigor, fornecem sobretudo uma imagem negativa, disfórica, da mulher cigana:

L. de Vasconcellos diz com referencia ás mulheres ciganas que viu no Cadaval em 1887 e ás que viu na feira de S. João em Evora em 1888 que são feissimas. As que tenho visto eram feias, mas a immundicie e os farrapos que as cobriam contribuiram sem duvida para augmentar essa impressão. Mas outros observadores, entre os quaes algumas damas, diziam-me terem visto algumas (nas Caldas da Rainha, no Algarve, etc.) bonitas, uma ou outra até digna de ser chamada bella. A belleza da cigana é porém de curta duração: pouco depois dos vinte annos desaparece-lhe o viço da mocidade (Coelho 184).

Importa considerar, uma vez aqui chegados, os diferentes ângulos a partir dos quais podemos ler o conteúdo que um estudo desta natureza nos oferece. Os ciganos, na sua estreita e prolongada convivência com a demais população europeia, constituíam, em finais do século XIX (e ainda), uma espécie de *outro de nós*, o estranho dentro da *nossa casa*, o Oriente que *nos* é próximo. Terá sido, decerto, por esse motivo que os estudos sobre os ciganos se foram tornando num dos temas frequentados pelo Orientalismo académico. É importante lembrar, contudo, que o chamado *racismo científico* continuou a ser um paradigma orientador não só dos Congressos Internacionais de Orientalistas, mas também da mais antiga associação académica para o estudo dos ciganos até a década de 1970, a *Gypsy Lore Society* (Acton 2015 e Selling 2018).

Com efeito, sob diversos aspectos, o Orientalismo confunde-se com o não menos controverso termo *Gypsyism*,⁴ definido por Lee nestes termos:

⁴ A definição tem recebido também algumas críticas por parte de especialistas dos Romani Studies, como é o caso de Yaron Matras, que o desconstrói da seguinte forma: "The term Gypsyism (or: Gypsiologist) is used in a wholesale basis to refer to the Other – the other scholar who investigates Gypsies, but whose scholarship is rejected, because it does not lead to the same conclusions or engage



Gypsyism can thus be seen as the field of study that discursively constitutes as its subjects 'The Gypsies'. Like Orientalism, Gypsyism is a discursive formation that emerges from asymmetrical exchanges of power of different sorts (political, economic, cultural, intellectual and moral) that in turn help to re-constitute and perpetuate the unequal exchanges that underlay the initial discursive formation. It could be said that Gypsyism is but a particular variant of Orientalism, in that it began with the discovery that Romani populations of Europe had originated in India, that is, that they are indeed an exotic and Oriental Other (Lee 132).

A conexão entre *Orientalism* e *Gypsyism* encontra desde logo um argumento forte na lista dos nomes envolvidos, justamente, na fundação da *Gypsy Lore Society* (1888), muitos deles renomados orientistas e indologistas⁵ (Lee 140). O facto de o tema ter sido absorvido pelos estudos orientais talvez cause alguma estranheza nos nossos dias, contando que o termo *Oriente*, ultimamente, parece abranger sobretudo povos e geografias distantes da europeia; mas no essencial o cigano continua a constituir esse outro desajustado e inapreensível, o vizinho que se conhece à distância, e é essa a imagem que até hoje atravessa também as principais representações do cinema e da literatura.

O texto que aqui analisámos confronta-nos com um *Orientalismo interno*, um "olhar exótico no interior da cultura do observador" (Perez 16), o que necessariamente acrescentava à pesquisa linguística e etnográfica novos desafios. Esta ideia encontra também alguma ressonância no fenómeno que Buchowski define como "orientalismo doméstico":

in the same activism as that of the author him/herself. 'Gypsyism' or 'Gypsiologist' is thus essentially a denunciatory term, rather than a descriptive or analytical one that refers to any particular point of view, methodology, affiliation, or era. [...] In this sense, the function of the word 'Gypsyism' is not at all to designate any real entity, or to attribute any specific point of view to anybody. Rather, it is a simplistic kind of rhetorical device employed by writers in order to construct for themselves the credentials for entering into an academic field of research that is highly charged, both politically and emotionally" (Matras 1-7). Embora a academia portuguesa não tenha desenvolvido uma tradição no que respeita aos estudos sobre os ciganos – constituindo o texto de Adolfo Coelho, por isso mesmo, um caso singular e digno da maior atenção – não podíamos deixar de apresentar aqui diferentes entendimentos que se têm feito do conceito de Gypsiologist, ainda que não tenhamos encontrado nenhuma referência ou adaptação do mesmo para português no corpus de textos produzidos pelos orientistas em Portugal.

⁵ Ken Lee oferece-nos um esboço dos primeiros passos dados pela academia europeia no sentido de expandir o estudo sobre os ciganos e de o tornar formalmente mais elaborado: "Once the GLS [Gypsy Lore Society] has been formed, the construction of 'The Gypsies' as a specific subject for study was formalised, and scholarship about Romanies became more sharply focussed. Much of the early scholarship of Gypsyism sought to refine and clarify the origin of the Romanies; this was termed 'the Gypsy problem' by the Gypsiologists. They also sought to determine the timing and routes of their migratory movements from India into Europe, and the degree to which they had retained Indian elements of culture, and particularly of language. Hence most of the early studies of Gypsyism were embedded in Orientalism" (140). O texto de Adolfo Coelho encontra-se perfeitamente inserido no contexto que Lee descreve, já que ele próprio se movia nos circuitos do Orientalismo, através da sua participação nos Congressos Internacionais e nas sociedades científicas que lhe deram forma, esforçando-se por fazer convergir no seu estudo diversas referências elogiosas aos principais orientistas ligados ao tema naquele período.



[C]lassical orientalism articulated in mental geography translates onto, pops up on and, in some ways, is scaled down to a national level. Such domestic orientalism cannot be confined to an isolated space, even if localized, since the Other can now live side by side with “us”, occupy the same place, speak the same language and believe the same god. Moreover, in most places in Central Europe this is not yet the question of immigrants settling down in localities, but assumed others living among “us”. This makes them discrete and pervasive at the same time (Buchowski 466-467).

O paradigma que Buchowski descreve tem revelado, gradualmente, uma dificuldade atribuída à Europa ocidental em separar duas estruturas-chave que a compõem. A distinção entre comunidade e sociedade, de acordo com Marushiakova-Popova e Popov, por vezes não se afigura clara e isso terá tido amplos efeitos sobre as imagens, projecções e discursos construídos em torno de minorias como os ciganos:

The failure to comprehend the essence of the ‘community/society’ distinction and the interconnections can result in viewing Roma communities within the frames of two basic, and flawed, paradigms, either the ‘marginalization’ frame in which the Roma constitute a social layer of the society, or the ‘exoticization’ frame, in which they are understood as a separate community. In both cases, we can speak about two interconnected research paradigms, which stream from the prism of Orientalism. When the Roma are seen primarily as part of the respective social structure, then the problems of their marginalization come to the forefront, with the result that the Roma are usually seen in terms of social and economic peculiarity. When the Roma are primarily seen as a community, and when the general cultural context and their social dimensions are ignored, they appear as an exoticised community. Paradoxical as it may sound, it is not uncommon, that the latter two approaches that at first glance look totally opposing to each other, can in fact be combined, and can actually complement each other, in particular when discussing specific policies and projects of governmental and public structures, and/or civil society organisations on various levels (5).

No contexto contemporâneo, a resposta dos ciganos e de outros grupos minoritários face à discriminação tem passado pela criação de “textos auto-etnográficos” através dos quais procuram expressar a sua resistência relativamente às sub-representações de que foram sendo alvo (Sabiescu 19). Essas contra-narrativas dão-nos hoje uma imagem extremamente importante do alcance, e das verdadeiras repercussões, do fenómeno do Orientalismo.

Conforme ficou demonstrado, o discurso de Adolfo Coelho em torno dos ciganos encontra-se com inúmeros tópicos esmiuçados por Edward Said na tese que o seu *Orientalismo* veio propor, embora permita também levantar uma série de outras questões que só estudos posteriores aprofundaram. Recebido com aprovação e crítica, o livro de Said inspirou uma sequência de trabalhos sobre várias regiões e populações, incluindo o exame de atitudes face às minorias ou mesmo à própria população de um país. À luz dessa reflexão, o estudo dado à estampa por Adolfo Coelho é também ele uma construção do poderoso Ocidente, autoinvestido de autoridade para intervir unilateralmente sobre a imagem e a identidade de um Outro (neste caso, o povo cigano residente em Portugal). A apresentação do Outro é tendencialmente feita a partir do contraste: encontramos no texto a criação clara de um *nós* e um *eles*, cisão tantas vezes utilizada historicamente como ferramenta para construir identidades, para estabelecer fronteiras que transcendem as linhas do Estado, para denunciar certas minorias étnicas como invasores exóticos das sociedades.



Para que exista um *nós* tem que existir um *eles*, não importa a que escala isso seja produzido: "The oriental Other constitutes the *alter ego* of the West and a perpetuation of this dichotomy proves that powerful cultural hegemony is still at work. Discursive hardening permits politically stronger groups to define weaker groups" (Buchowski 463). Esta preocupação em *outrar o Outro* ainda hoje ressoa no discurso em torno dos ciganos a vários níveis, quase sempre definidos como um tipo pior de Outro.

BIBLIOGRAFIA

Acton, Thomas A. "Scientific racism, popular racism and the discourse of the Gypsy Lore Society". *Ethnic and Racial Studies*, 39 (7), 2015, pp. 1187-1204.

Buchowski, Michał. "The Specter of Orientalism in Europe: From Exotic Other to Stigmatized Brother". *Anthropological Quarterly*, 79 (3), 2006, pp. 463-482.

Coelho, Adolfo. *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre o calão*. Imprensa Nacional, 1892.

Correia, Carlos J. "Variações sobre uma ideia de Oriente". *Diálogo de Civilizações. Viagens ao fundo da História, em busca do tempo perdido*, J. G. Monteiro (ed.), Imprensa da Universidade, 2004, pp. 33-41.

Hancock, Ian. "The 'Gypsy' Stereotype and the Sexualization of Romani Women". *"Gypsies" in European Literature and Culture. Studies in European Culture and History*, V. Glajar and D. Radulescu (eds), Palgrave Macmillan, 2008, pp. 181-191.

Houghton-Walker, Sarah. *Representations of the Gypsy in the Romantic Period*. Oxford University Press, 2014.

Lee, Ken. "Orientalism and Gypsyism". *Social Analysis: The International Journal of Social and Cultural Practice*, 44 (2), 2000, pp. 129-156.

Marushiakova-Popova, Elena Andreevna and Veselin Popov. "Orientalism in Romani studies: the case of Eastern Europe". *Languages of Resistance: Ian Hancock's Contribution to Romani Studies*, H. Kyuchukov and W. New (eds), Lincom Europa, 2017, pp. 1-48.

Matras, Yaron. "Who are the 'Gypsyologists'?". *Annual Meeting of the GLS*, September 2005, <http://languagecontact.humanities.manchester.ac.uk/YM/downloads/whoarethegypsyologists.pdf>. Accessed 15 June 2018.

Nord, Deborah Epstein. *Gypsies and the British Imagination, 1807-1930*. Columbia University Press, 2006.

Perez, Rosa Maria. "Prefácio". *Os Ciganos de Portugal – Com um estudo sobre o calão*, Publicações Dom Quixote, 1995, pp. 13-19.

Sabiescu, Amalia. "Narratives and counter-narratives in the representation of The Other. The case of the Romani ethnic minority". *At the Intersection of Indigenous and Traditional Knowledge and Technology Design*, Bidwell N. and H. Winschiers-Theophilus (eds.), Informing Science Press, 2005, pp. 1-22.

Said, Edward. *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*. Cotovia, [1978] 2004.



Saul, Nicholas. *Gypsies and orientalism in German literature and anthropology of the long nineteenth century*. Legenda, 2007.

Selling, Jan. "Assessing the Historical Irresponsibility of the Gypsy Lore Society in Light of Romani Subaltern Challenges". *Critical Romani Studies*, 1 (1), 2018, pp. 44-61.

Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*. Imprensa Nacional, 1892.

Catarina Nunes de Almeida é investigadora de pós-doutoramento no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde desenvolve um projecto de pesquisa individual. É também membro do projecto de investigação financiado TEXTOS E CONTEXTOS DO ORIENTALISMO PORTUGUÊS – OS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE ORIENTALISTAS (1873-1973). Antes de concluir o doutoramento (2012), foi docente de Língua Portuguesa na Universidade de Pisa. Desenvolve o seu trabalho sobretudo no âmbito do Orientalismo Português e da Literatura de Viagens.

c.nunesdealmeida@gmail.com